

ANÁLISE

Momento de reflexão: O porquê das manifestações “sistemáticas”?

Elex Jerson Mago

O mundo é um paraíso cheio de alegria e coisas maravilhosas: o homem, os animais, as plantas, o relevo, isto é, a natureza faz deste espaço um lugar diferente e ímpar, propício para se viver em paz e com tranquilidade.

A natureza vem sendo transformada pelo homem que destrói e contribui na maioria das vezes com a extinção de espécies animais e vegetais existentes no planeta, também colabora através de práticas inconsequentes para a poluição do ar, do solo e principalmente da água. A nossa saúde está integrada ao meio ambiente, por isso se este estiver sendo negligenciado, pense que com ele está sendo destruída principalmente a vida que inclui o nosso bem-estar e o de todos os seres vivos, conseqüentemente, o futuro deste planeta.

Há milhares de anos o homem vem degradando a natureza, passo a passo, através de agressões como: as queimadas, as derrubadas de florestas, o desenvolvimento industrial que se tornou o principal responsável pela degradação da natureza e do meio ambiente, as indústrias que lançam poluentes como, por exemplo, o enxofre, gerando a chuva ácida que causa danos às plantações, florestas, ao homem através de alimentos envenenados.

Num mundo onde os fortes aniquilam os fracos para suprir as necessidades individuais, sem dó nem piedade, onde o que parece prevalecer são pessoas que, a qualquer custo, necessitam se manter vivos independentemente de quem esteja ao redor, onde os fins determinam os meios, chama-se isto de “guerra pela sobrevivência humana”.

Moçambique, concretamente em Maputo, viveu no passado dia 1 de Setembro de 2010, mais uma vez, a fúria do homem vivida a 5 de Fevereiro de 2008, onde a todo o custo o homem procura sobreviver com o que não tem ou com o pouco que tem. A história repete-se, as acções/formas, as reivindicações são as mesmas (bloqueio das principais vias de acesso à cidade, queimadas de pneus, carros, destruição de estabelecimentos comerciais, utilização de crianças como escudos, confronto com a polícia, entre outras), já dizia o ditado popular: sacio vazio não fica em pé.

Tendo em conta esta atitude humana na busca da sua sobrevivência, coloca-se aqui uma questão, que acções o Governo está a desenvolver para que este tipo de manifestações não volte acontecer? Vários foram os sinais de instabilidade social, a criminalidade tomou conta da cidade, os bandidos transformaram-se em reis e os polícias passaram a ser os principais alvos a abater. O sistema de justiça no país é ainda frágil, vários casos estão sem desfecho (casos Cardoso, Siba-Siba, INSS, ADM...). O combate à corrupção ainda constitui um grande entrave para o investimento estrangeiro e para a boa governação, existem vários casos de corrupção despoletados sem actuação: CPD, Almerino Manhenje...). A chamada unidade nacional, o combate à pobreza, ao espírito do deixa-andar e ao burocratismo passaram a ser palavras desprovidas de conteúdo, soam a eco ou disco riscado, que sempre que se questiona questões económicas e sociais do país recorre-se a esta retórica para parar as ondas da fúria das águas com as mãos.

Vários foram os sinais de instabilidade social, a criminalidade tomou conta da cidade, os bandidos transformaram-se em reis e os polícias passaram a ser os principais alvos a abater. O sistema de justiça no país é ainda frágil, vários casos estão sem desfecho (...) a chamada unidade nacional, o combate à pobreza, ao espírito do deixa-andar e ao burocratismo passaram a ser palavras desprovidas de conteúdo, soam a eco ou a disco riscado

A governação participativa através da presidência aberta é uma forma de como auscultar as preocupações do povo sem ser engravado pelos ouvidos da equipa que dirige, ir ao terreno e ver com os seus próprios olhos, é a maneira mais eficaz para falar com conhecimento de causa. Muito dinheiro do erário público é gasto nestas viagens, mas será que alguém já parou para pensar na eficiência destas acções em termos de impacto nas populações? Se sim, então alguma coisa está errada, então o presidente está claro das preocupações do povo, sabe perfeitamente há mais de 6 anos o que os moçambicanos querem e esperam dele, não só pela promessa efectuada aquando das duas campanhas eleitorais (combate à pobreza absoluta), mas também e fundamentalmente pelas viagens de presidência aberta, onde está em contacto directo com o povo e deles percebe as suas preocupações e anseios.

Não faz sentido até hoje, passado quase 6 anos de governação, o Presidente da República continuar a falar de crise internacional, de aumento da produção e produtividade como o empecilho da resolução dos problemas do povo. São quase 6 anos de confiança e de esperança que este povo apelidado de maravilhoso e pacífico na forma de resolução dos problemas da Nação, que aguarda por acções concretas, estruturantes e que determinam não o chamado e muito bem falado pelos nossos dirigentes, o crescimento económico, mas sim o desenvolvimento económico que tem impacto directo nas vidas das pessoas, o povo quer mais emprego, quer melhores condições de vida, quer mais estradas, quer mais hospitais, quer mais escolas, quer que a agricultura seja efectivamente a base do desenvolvimento do país, quer incentivos nos factores de produção, isto é, quer tudo aquilo que faz com que a produção e a produtividade aumentem.

Um outro aspecto é a questão da auto-estima que o Chefe do Estado tem vindo persistentemente a enunciar, que é fundamental para o desenvolvimento do país, mas, acima de tudo, é importante começarmos a agir mais que a falar. O Governo tem que tomar decisões, tem que definir políticas, tem que criar incentivos para o desenvolvimento, tem que melhorar a máquina administrativa do Estado, tem saber ouvir e corrigir o que está errado, é preciso ganhar maturidade de um estadista senhor presidente, tanto na forma como no conteúdo e fazer do Estado ao serviço do povo e não o contrário.

O povo manifestou-se não porque não sabe que o país não produz mais do que o suficiente, não que não sabe que as empresas têm baixa produção e conseqüentemente baixa produção nacional, o povo manifestou-se não porque na sabe que a crise internacional afectou indirectamente o país, não que não sabe que o país não produz petróleo, não que não sabe que os custos de produção de energias e somados com roubos constantes de cabos eléctricos tornam este produto mais caro. A questão não é essa senhor presidente, o povo votou na Frelimo e no presidente para transformarem estas preocupações em soluções e não para ouvirem constantemente que o problema da pobreza absoluta esta na cabeça, isso todos nós sabemos, o que queremos e razão pela qual o Estado existe é para guiar, orientar e ajudar o seu povo a trilhar passos para o crescimento económico e conseqüente desenvolvimento económico. ■